



O SIGILO MÁGICO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: OS CASOS BARRY WILLIAM HALE E ELIJAH BURGHER

Lucas Fier¹

Resumo: Sigilos mágicos são símbolos produzidos com propósitos mágicos desde a antiguidade em diferentes tradições esotéricas. Eles se tornaram especialmente conhecidos sob um formato moderno desenvolvido pelo artista inglês Austin Osman Spare. O presente artigo tem por objetivo expor o desenvolvimento dos sigilos mágicos no ocidente, segundo uma abordagem qualitativa de revisão de documentos e interpretação de trabalhos artísticos, compreender suas possíveis aplicações na obra de arte contemporânea. É digno de nota o fato de que este é um tema pouco pesquisado. Para tanto, dois artistas serão apresentados como representantes dessa tendência: o australiano Barry William Hale, cujo trabalho une diversas tradições europeias e afro-americanas, particularmente ligadas à comunicação com entidades espirituais, inclusive o candomblé; e o estadunidense Elijah Burgher, que estabelece através do seu trabalho uma relação entre desejo, magia sexual e homossexualidade. E para além do uso dos sigilos na obra de artistas visuais, será considerada a sua inserção em outras áreas da cultura e da indústria cultural.

Palavras-chave: Sigilo; Magia; Arte Contemporânea; Barry Hale; Elijah Burgher

THE MAGIC SIGIL IN CONTEMPORARY ART: THE CASES OF BARRY WILLIAM HALE AND ELIJAH BURGHER

Abstract: Magic sigils are symbols produced for magical purposes since antiquity in different esoteric traditions. They became especially well known under a modern format developed by the English artist Austin Osman Spare. This article aims to present the development of magic sigils in the West, according to a qualitative approach of reviewing documents and interpretation of artistic works, understanding their possible applications in contemporary artwork. It is noteworthy that this is an under-researched topic. To this end, two artists will be presented as representatives of this trend: the Australian Barry William Hale, whose work unites diverse European and African-American traditions, particularly linked to communication with spiritual entities, including candomblé; and the American Elijah Burgher who, through his work, establishes a relationship between desire, sexual magic and homosexuality. In addition to the use of sigils in the work of visual artists, their insertion in other areas of culture and the cultural industry will be considered.

Keywords: Sigil; Magic; Contemporary art; Barry Hale; Elijah Burger

¹Artista e pesquisador. Doutorando em História pela UFPR - na linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa. Possui Mestrado em Artes pela Universidade Estadual do Paraná e graduação em Licenciatura em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (atual UNESPAR) (2011). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4452155544946097>. E-mail para contato: lfier2@gmail.com



Introdução

O interesse pela magia, sob diversas perspectivas, ganhou novo impulso dentro e fora das instituições artísticas já no início do presente século (RODRIGUEZ; LINARES, 2018 p. 80; CHARLESWORTH, 2022) e vem se intensificando. Esse processo envolve a redescoberta de alguns artistas do passado que souberam utilizar elementos da magia na obra de arte, e entre os quais Austin Osman Spare é um dos mais importantes.

Com isso uma nova geração de artistas magistas – ou apenas artistas que se utilizam dos elementos da magia – estão fazendo uma produção nova e povoando museus e outros espaços com “obras mágicas”, “obras ritualísticas”, – e também encenações de rituais mágicos e simulacros de seus produtos, o que na arte é perfeitamente legítimo – e todo tipo de manifestação ocultista unindo (ou, mais precisamente, reunindo) esses dois elementos da cultura: a magia e a arte.

Um desses elementos é o sigilo que, no contexto da cultura ocultista e esotérica, é um símbolo produzido durante a realização do ritual mágico, desde tempos muito distantes até os dias atuais, como veremos ao longo deste artigo. Na contemporaneidade tem sido explorado por seu aspecto gráfico, com maior ou menor grau de criatividade por parte do seu executor, e até por suas qualidades estéticas.

Para exemplificar tais usos do sigilo na arte contemporânea serão apresentados dois artistas: Barry William Hale e Elijah Burgher, cujo significado da obra serão discutidos ao final do artigo. Antes, analisaremos brevemente o conceito e o histórico dos sigilos e sua reinvenção e difusão por parte de Austin Osman Spare.

Os sigilos

Um sigilo é um símbolo criado para fins mágicos, e é praticado por adeptos da magia em todo o mundo. Atualmente, principalmente sob a influência de Austin Osman Spare e da Magia do Caos, ele é entendido como uma espécie de declaração codificada de um desejo (PAYNE, 2013 p. 297), ou “monograma do pensamento”, nas palavras de Spare (2019 p. 59).



A palavra “sigilo” vem do latim *sigillum*, significando “selo”. Tratava-se do sinete ou carimbo utilizado para a autenticação de documentos (SQUARISI, 2022; SIGILO, 2022), e por conseguinte o selo que fechava a carta, pois impresso na cera através do sinete. Pela óbvia associação com a carta, com o tempo a palavra “sigilo” passou a ser sinônimo de segredo (SQUARISI, 2022).

O sigilo mágico pode ser visto como uma forma codificada de magia, uma combinação de signos que contém uma mensagem inacessível. Mas eu gostaria de insinuar outra a relação que o sigilo mantém com a carta: trata-se do envio de uma mensagem confidencial.

É interessante notar que a palavra “selo” também é utilizada para se referir símbolos mágicos mais antigos, em um uso muito semelhante ao que atualmente chamamos de “sigilo”. Exemplo muito eloquente (e influente) são os grimórios² atribuídos ao rei Salomão, tais como a *Clavicula Salomonis* (A Clavícula de Salomão) e a *Lemegeton Clavicula Salomonis* (A Chave Menor de Salomão), ambos ilustrados com diversos selos mágicos (PAYNE, 2013 p. 298).

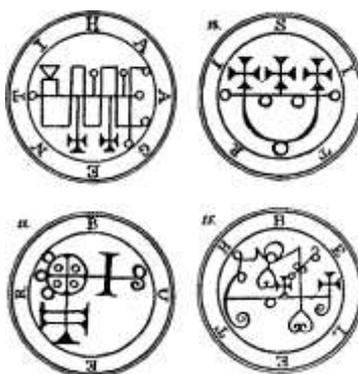
Embora os textos se apresentem como tendo sido criadas pelo próprio Salomão bíblico, tal autoria é muito improvável. As versões mais antigas conhecidas desses escritos datam do século XV, e a *Clavicula* provavelmente foi composta entre os séculos XIII e XIV (VEIGA, 2011 p. 43 e 129).

Muito do seu apelo está na maneira como a sociedade medieval idealizava a magia da antiguidade. Estes textos se difundiram pela Europa e marcaram profundamente o entendimento e a prática da magia (VEIGA, 2011 p. 27). Esses livros apresentam feitiços para os mais variados fins, em sua maioria mundanos (não necessariamente malignos), nos quais alguns dos mais chamativos são a necromancia e a invocação e comando de demônios (VEIGA, 2011 p. 44).

² Um grimório é um livro de feitiços.



Figura 1: Selos da Chave Menor de Salomão



Fonte: Internet Archive³

A utilização de sigilos como este foram tradicionais na prática da feitiçaria europeia. Em geral eles eram cuidadosamente construídos com base em proporções numéricas e geométricas (aos quais também se atribuíam poderes mágicos) levando em consideração todo tipo de dado cabalístico⁴, astrológico, etc. (BAKER, 2012 p. 74). Isso estava ligado à crença de que tais símbolos representavam os nomes “reais” das coisas, em especial de anjos e demônios, que podiam ser invocados pelo uso de seu nome (NOWOTNY, 1949 p. 57).

Temos exemplos de personalidades famosas que faziam uso de sigilos assim, como no caso da magia cerimonial de Cornelius Agrippa, John Dee e o curioso caso do Papa Honório. O livro conhecido como Grimório do Papa Honório possuiu várias versões e teve grande circulação na Europa (VEIGA, 2011 p. 48).

³Disponível em

<<https://web.archive.org/web/20070602010640/http://altreligion.about.com/library/graphics/blgoetia.htm>> Acessado em 06 jun 2020.

⁴ Referência à Cabala, vertente mística do judaísmo extremamente influente em todo esoterismo ocidental.



Figura 2: Frontispício do Grimório do Papa Honório



Fonte: VEIGA, 2011 p. 48

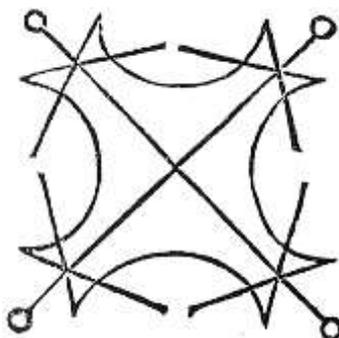
Cornelius Agrippa (1486-1535) foi médico, astrólogo, filósofo e alquimista, autor do clássico *De occulta philosophia* (REALE; ANTISERI, 2018 p. 156), extremamente influente em todo o desenvolvimento do esoterismo ocidental posterior. Agrippa criava seus sigilos a partir de um dispositivo matemático conhecido como “quadrado mágico”, que constitui uma tabela dividida em células numeradas, nas quais a soma dos valores de cada linha, coluna ou diagonal resulta sempre no mesmo valor. Aparentemente os quadrados mágicos chegaram até a Europa através dos árabes, junto com o xadrez e os jogos de cartas (NOWOTNY, 1949 p. 47).

Os quadrados mágicos também podem ser utilizados com letras, pois pela tradição hebraica (herdada pelos muçulmanos) estabelecia um valor numérico para cada letra do alfabeto⁵ (LAITMN, 2009 p. 101-102). Os valores forneciam à Agrippa tanto números quando padrões geométricos, que por sua vez correspondiam à planetas e anjos (NOWOTNY, 1949 p. 49).

⁵ A numerologia praticada na cabala com as letras hebraicas chama-se Gematria, e pode ser usado como oráculo (LAITMN, 2009 p. 103-109)



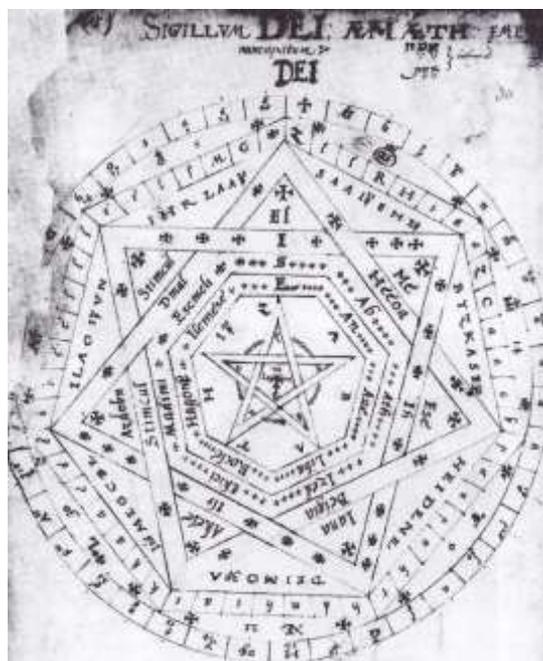
Figura 3: Selo do Sol, em "De Occulta Philosophia", de Heinrich Cornelius Agrippa. Criado a partir de um quadrado mágico.



Fonte: NOWOTNY, 1949 p. 21

Por fim temos os exemplos de sigilos de John Dee (1527-1609), filósofo de tradição hermética, matemático e conselheiro real da rainha Elizabeth, versado em muitas práticas tanto científicas quanto mágicas. Um desses sigilos é o *Sigillum Dei*, o "Selo de Deus", também chamado como "Aemeth", que é a palavra hebraica para "verdade" (CAMPBELL, 2009 p. IX).

Figura 4: *Sigillum Dei* desenhado por John Dee



Fonte: CAMPBELL, 2009 p. XIV

Embora o *Sigillum Dei* esteja associado a John Dee, ele tem uma origem mais antiga e, de acordo com o próprio mago inglês, ele apenas o aperfeiçoou.



Provavelmente foi extraído do Grimório do Papa Honório (CAMPBELL, 2009 p. X), já citado anteriormente.

Tais sigilos e o método para elaborá-los foram parte importante da cultura ocultista através de sua longa tradição no Ocidente e, de certa forma, em muitas outras tradições mágicas ao redor do mundo. E da mesma forma que a magia é um elemento cultural que aparece nas obras de arte, não foram ignoradas as implicações artísticas da criação dos sigilos, mas tal percepção exigiu uma mudança de contexto, tal como veremos a seguir.

O caso de Spare

Austin Osman Spare foi um artista inglês da primeira metade do século XX muito influenciado pelo Simbolismo oitocentista, assim como seus últimos desdobramentos no *fin de siècle*, como o Decadentismo e a Art Nouveau (BAKER, 2012 p. 135). Através do Simbolismo e seus derivados, muitos artistas se propuseram a representar certas realidades ocultas, metafísicas, e utilizaram-se das expressões do mágico, do onírico e do fantástico (GIBSON, 2006 p. 24).

Seguindo por essa linha, o trabalho de Spare também fez largo uso de elementos estranhos e grotescos, unindo realismo técnico com linhas serpenteantes dotadas de expressividade e dinamismo e uma simbologia esotérica de diferentes tradições (FIER, 2021). Pode ser considerado um precursor do surrealismo (BAKER, 2012 p. 163), sobretudo pelo uso do desenho automático, e por vezes é apontado como precursor de outros movimentos modernos.⁶

Mas um dos elementos mais importantes e definidores da obra de Spare é o fato de ela ser indissociável de outro aspecto seu: Spare se considerava um mago, tendo produzido uma obra teórica relativamente original também nesse campo. Ele criou o seu próprio sistema mágico, sistematizado e batizado por seu amigo e secretário Kenneth Grant (2018) como Zos Kia Cultus (BAKER, 2012 p. 238). Tal sistema

⁶ Para uma exposição mais completa sobre a obra de Spare, ver FIER, 2021.



oferecia uma complexa metafísica inspirada em diferentes doutrinas esotéricas do Ocidente e do Oriente, além de fórmulas para a realização prática da magia.

A obra de arte de Spare era uma extensão natural da sua obra enquanto praticante de magia, que se destinava desde o seu aperfeiçoamento espiritual até objetivos bem mais mundanos, como praticamente qualquer coisa que ele desejasse e estivesse disposto a recorrer a meios mágicos. Para esse propósito Spare criou sua própria versão dos sigilos, compondo-os de uma maneira mais livre, mais pessoal e, poderíamos dizer, mais “artística”, levando em consideração o entendimento que a arte assumiu na modernidade. Seus sigilos estavam no limiar entre o selo mágico e convencional e o desenho automático (FIER, 2021 p. 129-131).

Essa nova forma de sigilização foi resultado do intento do artista em despir da prática mágica seus acessórios ritualísticos tradicionais, além de seus significados religiosos e doutrinários (GRANT, 2018). A magia seria, para Spare, realizada através do acesso ao inconsciente do magista: quando um desejo se interiorizava em um nível inconsciente, tornando-se “orgânico”, ele seria capaz de afetar a realidade (SPARE, 2019 p. 52).

Contudo havia um obstáculo que dificultaria a assimilação do desejo pelo Inconsciente, que é a própria consciência. Era preciso contorná-la: sua prática mágica envolvia um enfraquecimento temporário da consciência, o que podia ser obtido através do que é a experiência mística por excelência: o êxtase⁷. O sigilo de Spare se resume a uma técnica que permite encapsular e introjetar um desejo a um nível inconsciente, de forma a contornar a atividade consciente que, por sua vez, é enfraquecida durante a prática (SPARE, 2019 p. 59).

A funcionalidade desta técnica viria do fato de que as simbologias tradicionais, das diferentes tradições, já estavam carregadas demais de significados conscientes, ao passo de que os sigilos são símbolos que não fazem sentido, e podem assim “trapacear” a consciência. (BAKER, 2011 p. 91). Na imagem abaixo podemos observar vários exemplos de Sigilos realizados pelo artista.

⁷Trata-se de um fenômeno conhecido por diversos nomes, como “êxtase religioso”, “transe” ou “gnose” dentro de certas tradições. Pode ser explicado pelo conceito de Estado não Ordinário de Consciência (ENOC). Para uma exposição acerca do conceito, ver MIKOSZ, 2009.



Figura 5: Spare: “Os habitantes do Limiar estão dando à luz o desejo mágico.”



Fonte: Visual Melt⁸

Spare oferece em sua obra magna *O Livro do Prazer: A Psicologia do Êxtase*, de 1913, uma fórmula pela qual qualquer praticante de magia poderia fazer o seu próprio sigilo. O praticante deveria começar registrando o seu desejo de forma escrita para começar, em seguida, a recombinar as letras até a criação de um monograma estilizado, no qual a frase inicial não pode ser decifrada (SPARE 2019 p. 60).

Sigilo na arte contemporânea

Por mais que a obra de arte, não apenas como veículo da magia, mas como a própria prática de magia, não fosse algo exatamente novo, o trabalho de Spare foi notavelmente original, sobretudo pelo contexto em que ele foi apresentado, no qual muitas vezes foi mal compreendido, o que pode explicar, em parte, o limbo de esquecimento do qual o artista foi mergulhado após a sua morte (FIER, 2021 p. 14).

⁸ Disponível em <<https://visualmelt.com/Austin-Osman-Spare>>. Acessado em 01 dez. 2022.



Desde a sua época, contudo, a arte já não é mais a mesma: novas formas de se fazer e de se apreciar a arte trouxeram novas possibilidades de se vincular arte e magia. Mais recentemente houve um aparente aumento no interesse sobre o tema, inclusive por parte dos curadores e instituições artísticas. Conforme citado por Rodriguez e Linares (2018 p. 80), várias bienais têm buscado avivar o tema. Em 2012, em São Paulo, “A Iminência das Poéticas” utilizou em seu discurso curatorial a referência do mago renascentista Giordano Bruno. Segundo as mesmas autoras, uma exposição coletiva chamada *Modern Witchcraft*, curada por Juan Bolivar na ASC Studios de Londres em 2013.

Outros exemplos podem ser oferecidos. A Bienal de Veneza de 2013 incluiu figuras como o ocultista Aleister Crowley e a pintora Hilma af Klint⁹ (CHARLESWORTH, 2022), cujo trabalho abstrato revelava, já antes de Kandinsky, suas visões espirituais. Em 2009 na Grã-Bretanha ocorreu a exposição *The Dark Monarch: Magic and Modernity in British Art*, que destacou as diversas influências mágicas e esotéricas de artistas britânicos como a surrealista Ithell Colquhoun e o próprio Austin Osman Spare (CHARLESWORTH, 2022), cuja redescoberta pertence precisamente a este período de revalorização da magia.

Esse novo momento da História da Arte trouxe consigo diversos artistas que estão utilizando os sigilos mágicos em suas obras, como veremos no caso de dois artistas: Barry William Hale e Elijah Burgher, ambos ainda em atividade, e com resultados bastante diferentes, apesar de compartilharem de referências comuns.

Barry William Hale

Barry William Hale é um artista australiano considerado um expoente na arte esotérica contemporânea e tem em seu trabalho o ocultismo como elemento principal. Sua obra inclui desenhos, pinturas e esculturas, audiovisual e performance. Seu trabalho envolve o êxtase, tal como supracitado, em realizações simultaneamente mágicas e artísticas (SARGEANT, 2009).

⁹ Hilma af Klint (1862–1944) foi uma pintora sueca tardiamente descoberta. Era membro da Ordem Rosa-Cruz e sua arte era essencialmente mística e religiosa. (FORTES, 2017).



Hale é membro da Ordo Templi Orientis (OTO), uma sociedade iniciática baseada na doutrina de Thelema¹⁰ (ORDO, 2022), fato que se revela em seu trabalho e que visa expandir a cultura de Thelema em direção a um público mais vasto (HALE, A., 2021 p. 91). Sua pesquisa esotérica envolve e mistura diferentes tradições, advindas tanto do esoterismo ocidental quanto formas de magia e religiosidade popular: por um lado a Thelema, magia enoquiana¹¹, Qliphoth¹² e conjuração de demônios, em especial Belzebu; por outro lado tradições mágicas indígenas mexicanas, vudu haitiano, Palo Mayombe¹³, e até o candomblé (LEXICON MAGAZINE, 2022; HALE, A., 2021 p. 91; RAYMOND BUCKLAND'S, 2019).

Figura 6: Barry W. Hale, Blackstar (2016)



Fonte: RAYMOND BUCKLAND'S, 2019

O trabalho acima consiste em um conjunto de símbolos dispostos de forma circular, que contém em si muito do gesto da escrita, ocupando a zona liminal entre o desenho e a escrita assêmica¹⁴. Tais formas, construídas com linhas grossas em imagens visualmente impactantes, parecem carregar certa bagagem de uma arte tipicamente urbana ou, mais precisamente, suburbana: é impossível não surgirem

¹⁰ Thelema é uma doutrina mística e religiosa proposta pelo ocultista Aleister Crowley.

¹¹ Será explicado mais adiante no texto.

¹² Na cabala as Qliphoth têm relação com mundos inferiores e demoníacos.

¹³ Trata-se de um culto de matriz africana desenvolvida em Cuba.

¹⁴ Uma escrita ilegível, sem conteúdo semântico nem fonético.



comparações com certas tendências do *graffitti*. Não surpreende que parte da religiosidade popular que a inspira tenham origem em guetos estadunidenses (RAYMOND BUCKLAND'S, 2019).

Também não se pode deixar desvincular do resultado pictórico alcançado por Hale o fato dele possuir treinamento na prática da tatuagem ao estilo *old school*¹⁵. Além disso Hale também revela ter sido influenciado pelos quadrinhos underground, revistas masculinas dos anos 50 e logotipos industriais (RAYMOND BUCKLAND'S, 2019).

Para focar aspectos mais semânticos da obra, podemos observar que os símbolos que a compõe são muito semelhantes aos sigilos e antigos alfabetos mágicos¹⁶. Podemos notar, por exemplo, a presença da cruz pátea, muito comum também nos selos de Salomão e John Dee.

A magia enoquiana é um sistema mágico supostamente transmitido à John Dee e seu assistente Edward Kelley por anjos. Por essa razão ela está diretamente ligada ao uso dos sigilos desenvolvidos pelo mago elizabetano, através dos quais ele teria se comunicado com os arcanjos Miguel e Uriel, por exemplo (o nome de tais entidades está escrito no *Sigillum Dei* [figura 4]) (CAMPBELL, 2009 p. X).

Entre outros projetos, Hale está envolvido há décadas, em colaboração com Scott Barnes, como o NOKO: uma pesquisa artística que congrega performance, ritual mágico, invocação demoníaca, automatismo, música e audiovisual (LEXICON MAGAZINE, 2022?). Hale e Barnes apresentam esse projeto internacionalmente em festivais de arte, museus, eventos esotéricos e até a Bienal da Austrália (HALE, A., 2021 p. 92).

¹⁵ Este é o nome do estilo mais tradicional da tatuagem no Ocidente desde o século XX, característico por seus temas típicos (como andorinhas e sereias) e traços de contorno grossos e pretos.

¹⁶ Paralelamente aos sigilos, e intimamente ligados a eles, foram criados diversos alfabetos mágicos que supostamente falam das coisas em sua íntima essência. John Dee e Edward Kelley, por exemplo, acreditavam terem revelado as letras de uma “língua enoquiana”, uma língua dos anjos (CAMPBELL, 2009 p. XIV). Spare também criou o seu próprio “alfabeto sagrado” para facilitar a comunicação com o mundo psíquico e subliminar (GRANT, 2018 p. 200).



Figura 7: Performance de Barry W. Hale



Fonte: RAYMOND BUCKLAND'S, 2019

Os sigilos grifados no chão exploram, como Spare já havia explorado antes dele, as relações entre o desenho automático e a escrita. E o ato de grifar tais insígnias torna-se em si mesmo um ato performático dotado de valor artístico. Ele chama o procedimento como “Mão do diabo”: o desenho (aqui nas fronteiras da escrita) automático que é realizado sem intenções pré-concebidas, e em um estado extático especialmente para a ocasião, exige algo como uma “cabeça vazia” que, como diz o dito popular, é “oficina do diabo”. Hale viu uma associação, graças à versão de seu próprio país desse ditado, entre a mão que rabisca sem propósito como instrumento do demônio que participa da operação (RAYMOND BUCKLAND'S, 2019).

A este respeito, Hale afirma ter se encontrado pessoalmente com Belzebu (RAYMOND BUCKLAND'S, 2019). Conhecido como “Senhor das Moscas”, Belzebu é considerado um príncipe dos demônios e seu nome é associado ao próprio diabo. Vários trabalhos de Hale foram inspirados nessa relação que ele alega ter com a entidade (HALE, A., 2021 p. 93). Talvez não seja desnecessário advertir o leitor de que em tradições mágicas como a Thelema nem os demônios, nem o próprio diabo, são



considerados encarnações do mal, como no lugar-comum do cristianismo predominante.

Figura 8: Barry Hale, Pomba-gira Maria Mulambo - Grande Círculo de Pontos Riscado (2016)



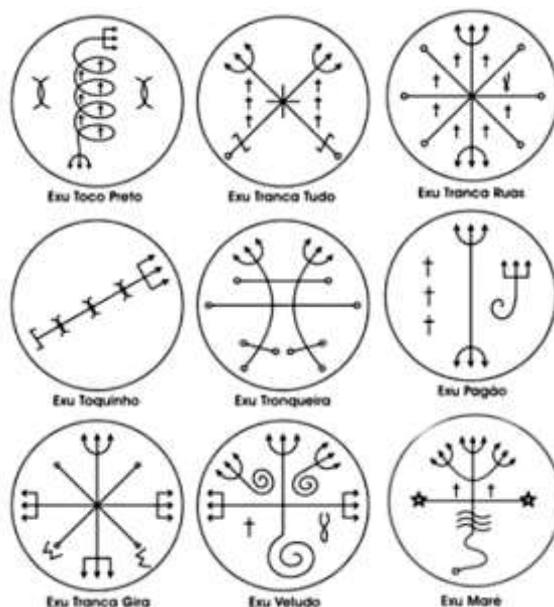
Fonte: RAYMOND BUCKLAND'S, 2019

Podemos observar na obra acima uma forte presença gráfica de sigilos de inspiração europeia que circundam o símbolo central, já este de religiosidade afro-americana. A realização desta obra oportuniza comparações entre práticas mágicas culturais diversas, o que nos faz refletir no alcance do conceito de “sigilo”, e se ele é apropriado para designar a produção pictórica ritualística de outras religiões, como, por exemplo, os símbolos sagrados do candomblé, chamados de “pontos riscados”.

O título da obra faz referência à uma Pomba Gira (entidade espiritual presente em certas religiões afro-americanas) conhecida como Maria Mulambo. Nos pontos riscados das pombas giras, assim como no dos Exus, vemos a presença de tridentes, que é um dos emblemas característicos dessas entidades (SODRÉ, 2009 p. 5).



Figura 9: Símbolos da Umbanda



Fonte: Toda Matéria¹⁷

Essas religiões de matriz africana em geral trabalham com a incorporação por parte de um médium (sacerdote capaz de servir de “meio” entre os mundos físico e espiritual) de certas entidades, sejam espíritos de pessoas mortas ou orixás (divindades), dependendo da religião. Nos ritos que envolvem tais incorporações é comum que o praticante desenhe os tais pontos riscados no chão (SOLERA, 2014 p. 23). De várias maneiras os pontos riscados podem se assemelhar tanto aos sigilos quando aos círculos mágicos, usados por magistas de diferentes tradições.

Não se pode ignorar o fato de que o tridente é também um símbolo relacionado ao Diabo. O aspecto que Exu adquiriu, pelo menos no Brasil, se encaixa no estereótipo do diabo, o que é fruto do sincretismo que moldou essas religiões (SODRÉ, 2009 p. 5). E embora nada tenha a ver em essências com o “autêntico” diabo, ele é encarado exatamente assim por certos setores mais intolerantes das igrejas. Podemos observar, portanto, a predileção de Hale por formas estigmatizadas de espiritualidade e magia, e que se liga aos seus aspectos mais sombrios¹⁸.

¹⁷ Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/umbanda/>>. Acessado em 29 nov. 2022.

¹⁸ É comum aos adeptos de diferentes tradições espirituais o uso da palavra “sombra” para se referir aos aspectos mais irracionais e desagradáveis da psique humana, possivelmente por influência de Jung.



Elijah Burgher

Outro artista que encontrou nos sigilos um elemento fundamental em sua obra é o estadunidense Elijah Burgher. Ele participou de diversas mostras de arte contemporâneas, incluindo bienais (WESTERN EXHIBITIONS, 2022). Tal como Hale, seu trabalho incorpora performance e ritual mágico, mas desta vez mais especificamente voltada para a magia sexual (HALE, A., 2021 p. 102).

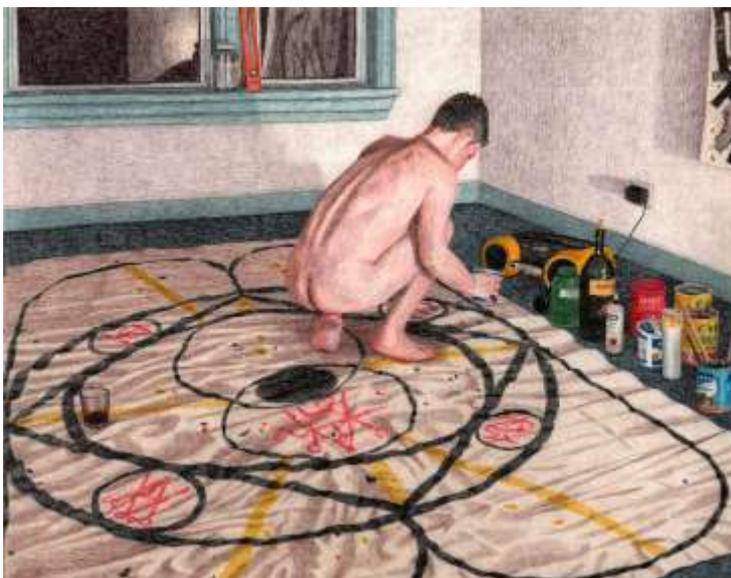
A magia sexual é muito conhecida por magistas adeptos de Thelema, Zos Kia Cultus, Magia do Caos e derivados. Envolvendo o ato sexual como parte da realização do ritual mágico, teve um papel preponderante para Aleister Crowley (RAMALHO, 2016) e Austin Osman Spare (GRANT, 2018). Na magia sexual se crê, em primeiro lugar, que a relação sexual representa por si mesma certo aspecto da realidade, tanto material quanto imaterial, como evento criador (de vida). Trata-se, evidentemente, de relações entre pessoas do sexo oposto (pelo menos a princípio). Mas além disso o próprio orgasmo é encarado como gerador de poder mágico (RAMALHO, 2016 p. 238).

Uma das formas pelas quais os caoistas “carregam”¹⁹ os sigilos é através da masturbação, já que a “excitação sexual” é uma das formas de se atingir o êxtase descritas por Peter Carroll (2016 p. 35) em Liber Null, a “bíblia” da Magia do Caos. Antes disso Spare alude a uma sexualidade “cósmica”, de proporções metafísicas, de uma doutrina sua chamada “Nova Sexualidade” (SPARE, 2019 p. 10), além de descrever usos para a magia sexual, sobretudo em sabás preferencialmente realizados com mulheres velhas e de aspecto desagradável (BAKER, 2012 p. 238).

¹⁹ Uma expressão usada no meio caoísta que significa fazer o sigilo funcionar.



Figura 10: Elijah Burgher, "6 Organs Ritual", 2013



Fonte: enviado pelo artista

Há, contudo, na arte de Burgher, um elemento *queer*²⁰ sem o qual sua arte não pode ser compreendida, que inclui uma apreciação social dessa condição (que evidentemente é a sua). Conforme descrito por um comentarista, Elijah “vê suas ações como um meio de expor o corpo e revelar o desejo *queer* de transmutar a vergonha e a violência da sociedade”²¹ (ORRYELLE apud HALE, A., 2021 p. 102). Elijah Burgher acredita, portanto, que sua arte pode exercer um poder transformador. Claro, se trata de magia.

Na mesma época de Spare, e até um pouco antes, Aleister Crowley já falava de magia sexual e demonstrava seu caráter audacioso ao tratar do assunto de forma mais ousada, incluindo de temas como masturbação, homossexualidade e amor livre, isso em pleno vigor da moral vitoriana que ainda existia na Inglaterra naquelas primeiras décadas do século XX (RAMALHO, 2016 p. 239).

Portanto, é com essa mesma irreverência que o trabalho de Burgher deve ser encarado pois, embora o contexto já não seja tão repressivo quanto o das sociedades

²⁰ *Queer* é uma expressão da língua inglesa usada para se referir à sexualidades que não heterossexuais ou cisgênero.

²¹ “(...) he sees his actions as a means of exposing the body and revealing queer desire to transmute societal shame and violence”.



européias pré-guerra mundial, ainda assim, hoje, os tabus permanecem a vigorar, mesmo na arte e mesmo na magia.

Em uma entrevista concedida a mim, o artista declarou ser particularmente interessado no utilitarismo mágico que a arte aparentemente possuía desde tempos imemoriais. Uma de suas influências foi o escritor William S. Burroughs, em especial esta declaração, segundo Burgher: “É preciso lembrar que toda arte é de origem mágica (...), destinada a produzir resultados muito definidos. As pinturas eram originalmente fórmulas para fazer acontecer o que é pintado²² (BURROUGHS apud BURGHER, 2022)”.

Figura 11: Elijah Burgher, BotD (Anthony), 2015. Lápis de cor sobre papel.



Fonte: (COLUCCI, 2015)

Um dos seus trabalhos que trata especificamente da conexão entre homossexualidade e magia é *Bachelors of the Dawn* (BotD), composto por pinturas que retratam membros de um culto fictício. São pinturas em lápis de cor, e os modelos utilizados são na verdade amigos seus, nus, com certa carga sutil de erotismo (COLUCCI, 2015).

²² “It is to be remembered that all art is magical in origin (...), intended to produce very definite results. Paintings were originally formulae to make what is painted happen.”



Neste culto, a figura do “celibatário” tem a função de encarnar a recusa em se casar e perpetuar as estruturas familiares tradicionais. Esses ilustres membros do culto imaginário fragmentam a linguagem e “criam seus próprios métodos de comunicação do desejo” (COLUCCI, 2015) através de sigilos.

Nascidos no que Friedrich Nietzsche chama de prisão [prison house] da linguagem, os membros do culto veem a significação como uma tecnologia primária de controle social. Sua deformação dos sinais linguísticos é uma tentativa de emancipação através de uma reavistagem da traumática entrada na vida simbólica. Em vez de lhes impor a linguagem, sua estratégia envolve uma reencenação [re-enactment] loucamente intensa da cena primitiva da inscrição.²³ (DOYLE, 2015).

Figura 12: Elijah Burger, BotD (Love Machine), 2015. Acrílico sobre Tecido.



Fonte: Artsy²⁴

A imagem acima revela um desses sigilos que compõem a exibição de *Bachelors of the Dawn*. Foram sete pinturas em acrílica em grande escala, que

²³ “Born into what Friedrich Nietzsche calls the prison house of language, the members of the cult see signification as a primary technology of social control. Their deformation of linguistic signs is a bid for emancipation through a revisiting of the traumatic entry into symbolic life. Rather than having language imposed on them, their strategy involves a madly intense, re-enactment of the primal scene of inscription”.

²⁴ Disponível em <<https://www.artsy.net/artwork/elijah-burgher-botd-love-machine-1>> Acessado em 20 nov. 2022.



formalmente estão mais próximas da pintura abstrata de meados do século XX. Nelas figuravam grandes letras sobrepostas e entrecruzadas feitas com o propósito de afirmação do desejo. A desconstrução da linguagem que a criação do sigilo permite é a forma de afirmar tal desejo “proibido” em uma sociedade que o condena.

O aspecto “militante” da obra desse artista, este olhar para o socialmente marginalizado, também presente na obra de Hale de forma mais sutil, lembra uma das características do renascimento da magia que teria ocorrido na virada dos séculos XIX e XX, que envolvem não somente um olhar para o passado, mas um engajamento, inclusive político, pelas questões e condições do tempo presente, por vezes de aspecto progressista. (HALE, A., 2021 p. 94)

Segundo Burgher (2022), seus sigilos também possuem outros propósitos, que vão desde desejos banais até glifos para deuses, demônios e outras entidades que ele deseja invocar, além, é claro, dos fins artísticos, nos quais ele também se vale do desenho automático ou apenas cria formas abstratas.

Considerações finais

A questão do uso dos sigilos na arte, ainda pouco estudada, pode ser estendido também para outras linguagens artísticas, das quais vale a pena considerar pelo menos um exemplo emblemático: o conjunto de quatro símbolos da banda inglesa de rock Led Zeppelin, cada um atribuído a um dos seus membros.

Em um estudo a respeito do quarto disco da banda, Erik Davis (2007) explica que embora o álbum tenha sido recebido como sem título, o verdadeiro título eram os sigilos. Em suas palavras:

Como o YHWH dos judeus e alquimistas, é impronunciável, um emaranhado verbal que ressalta o mais importante sobre estes quatro sigilos: que eles parecem comunicar algo sem dizendo qualquer coisa. Quando confrontados com tais sinais inescrutáveis, nosso impulso natural é decodificá-los, para "saber o que significam". Mas quando se trata disso, os significados estritos não são nem sua natureza nem sua função. Estes sigilos, e os sons musicais que eles anunciam, não significam coisas tanto quanto fazer as coisas acontecerem. E eles



fazem as coisas acontecerem frustrando o processo convencional de significado.²⁵

Figura 13: O sigilo de Jimmy Page



Fonte: Zoso Symbol²⁶

O símbolo acima, atribuído ao guitarrista Jimmy Page, é sem dúvida um dos mais interessantes. Em primeiro lugar porque a sua origem é misteriosa. Algumas das hipóteses mais consideradas são: 1) é um glifo de um matemático e astrólogo do século XVI chamado Jerome Cardan, e representa Saturno, o que faz sentido já que este planeta é regente do signo de Capricórnio, que é o de Jimmy Page; 2) é um símbolo presente em um grimório francês chamado Le Dragon Rouge, datado do século XIX, mas que afirma ser mais antigo (DAVIS, 2007).

Embora este símbolo não seja, pelo menos a princípio, uma palavra constituída de letras, é impossível não perceber que ele se parece com a palavra “Zoso”. É digno de nota que Austin Osman Spare havia criado um conceito que ele chamou de “Zos”, palavra que posteriormente acabou por utilizar para designar a si mesmo (BAKER, 2012 p. 27). Isso se torna ainda mais sugestivo se considerarmos que Jimmy Page possui uma coleção de obras de arte de Spare (BAKER, 2012 p. 260).

Este exemplo indica a extensão da influência tanto de Spare quanto dos sigilos mágicos na cultura ocidental moderna. Tal consideração se faz útil para termos

²⁵ “Like the YHVH of the Jews and alchemists, is unpronounceable, a verbal tangle that underscores the most important thing about these four sigils: that they seem to communicate something without saying anything at all. When confronted with such inscrutable signs, our natural impulse is to decode them, to “know what they mean.” But when it comes to , strict meanings are neither their nature nor their function. These sigils, and the musical sounds they announce, don’t mean stuff so much as make stuff happen. And they make stuff happen by frustrating the conventional process of meaning.”

²⁶ Disponível em <<https://zososymbol.com/>> Acessado em 10 dez. 2022.



uma compreensão mais vasta das práticas artísticas relacionadas à magia na contemporaneidade.

Figura 14: Luciana Lupe Vasconcelos, Anigma. Tinta sobre papel, 2014.
À esquerda: detalhe; à direita: obra completa



Fonte: In Print²⁷

Ao retornarmos ao âmbito das artes visuais propriamente dito, muitos outros exemplos poderiam ser citados. Vemos claramente sigilos ocasionais em obras de artistas como Jose Gabriel Alegría Sabogal, nascido na Alemanha e residente no Peru, e da goiana Luciana Lupe Vasconcelos, por exemplo; e eles ainda são um elemento central no trabalho do fluminense Danilo Nobrega.

Assim é possível perceber que a utilização dos sigilos por parte de artistas magistas contemporâneos tem se tornado uma tendência pelas suas várias potencialidades estéticas e até mesmo narrativas e conceituais.

²⁷ Disponível em <<https://www.inprnt.com/>> Acessado em 10 dez. 2022.



Referências

BAKER, Phil. **Austin Osman Spare: The Life and Legend of London's Lost Artist**. Londres: Strange Attractor Press, 2012.

BURGHHER, Elijah. **Entrevista concedida pelo artista**. Berlim, 12 nov. 2022.

CAMPBELL, Collin D. **The Magic Seal of John Dee: The Sigillum Dei Aemeth**. York, ME: The Teitan Press, 2009.

CARROLL, Peter James. **Liber Null e Psiconauta** [tradução de Vinicius Ferreira]. 1ª Edição. São Paulo: Penumbra, 2016.

CHARLESWORTH, JJ. **The Return of Magic in Art**. ArtReview. 30 mai. 2022. Disponível em: <<https://artreview.com/the-return-of-magic-in-art/>> Acessado em 05 dez. 2022.

COLUCCI, Emily. **Drinking the Kool-Aid With Elijah Burgher's 'Bachelors'**. 2015. Disponível em <<https://filthydreams.org/2015/06/14/drinking-the-kool-aid-with-elijah-burghers-bachelors/>> Acessado em 20 nov. 2022.

DAVIS, Erik. **Led Zeppelin's Led Zeppelin IV. Nova Iorque: The Continuum International Publishing Group Inc**, 2007. E-book.

DOYLE, Allan. **Gay Death Cult in SEAN HORTON (PRESENTS)**. Elijah Burgher: Bachelors. 2015. Disponível em <<https://www.seanhortonpresents.com/exhibitions/21-elijah-burgher-bachelors/>> Acessado em 20 nov. 2022.

FIER, Lucas. **Austin Osman Spare: Arte, Magia e Estados Não Ordinários de Consciência**. Dissertação de mestrado em Arte. Universidade Estadual do Paraná, 2021. Disponível em <https://www.academia.edu/92247403/Austin_Osman_Spare_Arte_Magia_e_Estados_N%C3%A3o_Ordin%C3%A1rios_de_Consci%C3%Aancia> Acessado em 01 nov 2022.

FORTES, Bartira. **A Arte Oculta de Hilma af Klint e sua Pintura para o Futuro**. Revista Caliban. 19 Aug. 2017. Disponível em: <<https://revistacaliban.net/a-arteoculta-de->



hilma-af-klint-e-sua-pintura-para-o-futuro-8078ca44e329> Acessado em 05 jan. 2020.
GIBSON, Michael. **Simbolismo** [tradução de Paula Reis] Hohenzollernring: Taschen GmbH, 2006.

GRANT, Kenneth. **O Renascer da Magia**. [Tradução de Vinicius Ferreira] 2ª Edição. São Paulo: Penumbra, 2018.

GREENWOOD, Susan. **Manual Enciclopédico de Magia e Feitiçaria** [tradução de Maria Antónia Abrantes de Fonseca]. Lisboa: Editora Estampa Lda., 2002.

HALE, Amy. **Conjuring Strange and Ancient Larvae: Barry William Hale and the Negotiations of Occult Performance**. *Correspondences*, v. 9, n. 1, 2021.

HANEGRAAFF, Wouter J. **Esotericism and the academy: rejected knowledge in western culture**. New York: Cambridge University Press, 2012. Disponível em Acessado em 01 jan. 2021.

LAITMAN, Rav Michael. **Um Guia para a Sabedoria Oculta da Cabala**. 3ª Edição. Toronto: Laitman Kabbalah Publishers, 2009.

LEXICON MAGAZINE. **4 Esoteric Artists You Should Know**. Brooklyn. Disponível em <<http://www.shishigami.com/lexicon/content/5esotericartists.htm?fbclid=IwAR1z6zS2XYsBO9xqQbNHLTEdCjtBsD262XYophP9VXCjJ1ltHowefu8L2ok>> Acessado em 15 nov. 2022

LINARES, Ponga; RODRIGUEZ, Claudia. **Pequeno tratado sobre arte & magia**. Tese de Doutorado em Artes Plásticas. Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-12072018-163542/en.php>>

MIKOSZ, José Eliézer. **A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)**. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92737>> Acessado em 01 jun 2020.



NOWOTNY, Karl Anton. **The construction of certain Seals and Characters in the work of Agrippa of Nettesheim.** Journal of the Warburg and Courtauld Institutes, v. 12, n. 1, p. 46-57, 1949.

ORDO Templi Orientis. **O Que é a O.T.O.** Disponível em < <https://otobr.com/>> Acessado em 15 nov. 2022.

PAYNE, Pam. **Digital Sigil Magick:** The relevance of sigil magick in contemporary art and culture. Technoetic Arts, v. 11, n. 3, p. 297-305, 2013.

RAYMOND BUCKLAND'S MUSEUM OF WITCHCRAFT AND MAGIC. Barry William Hale. Cleveland, 2019. Catálogo de exibição. Disponível em <http://www.shishigami.com/lexicon/content/witches/cat/buckland/bwh_buckcat.html> Acessado em 15 nov. 2022.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** do humanismo a Descartes, v. 3 [tradução de Ivo Storniolo] 1ª Edição, 5ª Reimpressão. São Paulo, Paulus, 2018. Coleção História da Filosofia.

SARGEANT, Jack. Barry William Hale. Fulgur Press, 2009. Disponível em <<https://fulgur.co.uk/artists-and-writers/barry-william-hale/>> Acessado em 15 nov. 2022.

SIGILO. In **MICHAELIS.** Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sigilo/>>. Acessado em 20 out. 2022.

SODRÉ, Jaime. **Exu – a forma e a função.** Revista VeraCidade – Ano IV – nº, 2009.

SOLEIRA, Osvaldo. **A magia do ponto riscado na umbanda esotérica.** 2014. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

SPARE, Austin Osman. **The Book of Pleasure (Self-love) – The Psychology of Ecstasy.** Lexington: Theophania Publishing, 2019.



SQUARISI, Dad. In **BLOG da Dad.** Disponível em <https://blogs.correiobrasiliense.com.br/dad/sigilo-etimologia/> Acesso em 20 out. 2022.

VEIGA, Marcos Antonio Lopes. **Sob a capa negra:** necromancia e feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Aragão (séculos XVI e XVII). 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WESTERN EXHIBITIONS. Elijah Burgher. 2022. Disponível em <https://westernexhibitions.com/artist/elijah-burgher/> Acessado em 20 nov. 2022.

Recebido em 30/12/2022, aceito em 25/04/2023